

O AVESSO DO NIILISMO
CARTOGRAFIAS DO ESGOTAMENTO

PETER PÁL PELBART

M-1
edições

LINHAS ERRÁTICAS

Fernand Deligny extraiu de sua convivência de décadas com os autistas uma reflexão aguda sobre um modo de existência anônimo, a-subjetivo, não assujeitado e refratário a toda domesticação simbólica. Buscava uma língua sem sujeito, ou uma existência sem linguagem, apoiada no corpo, no gesto, no rastro. Levou ao extremo uma meditação sobre o que é um mundo prévio à linguagem ou ao sujeito, não no sentido de uma anterioridade cronológica, mas de uma existência regida por outra coisa que não aquilo que a linguagem supõe, carrega e implica: a vontade e o objetivo, o rendimento e o sentido. O homem-que-somos descenderia menos dos macacos do que das aranhas: a gestualidade primeva que consiste em tecer uma rede, ou traçá-la através de uma mão que não pertence a quem parece possuí-la, é de uma gratuidade que não se inscreve na dialética da comunicação ou da finalidade. Deligny contrapõe agir e fazer. Fazer é fruto da vontade dirigida a uma finalidade, por exemplo, fazer obra, fazer sentido, fazer comunicação, ao passo que agir, no sentido muito particular que lhe atribui o autor, é o gesto desinteressado, o movimento não representacional, sem intencionalidade, que consiste eventualmente em tecer, traçar, pintar, no limite até mesmo em escrever, num mundo onde o balanço da pedra e o ruído da água não são menos relevantes do que o murmúrio dos homens... Nesse mundo, a linguagem “ainda não está”, ela que nos permite falar no lugar dos outros, pensar por eles, fazer com que sejam ou desapareçam, decidir o seu destino. Daí a necessidade de falar contra as palavras, suspender o privilégio do projeto pensado, colocar-se na posição de não querer a fim de dar lugar ao intervalo, ao tácito, à irrupção, ao extravar, à “dessubjetivação”. Nenhuma passividade nem omissão, ao contrário, é preciso “limpar o terreno” constantemente, livrá-lo do que recorta o mundo em sujeito/objeto, vivo/inanimado, humano/animal, consciente/inconsciente. Só assim é possível traçar as linhas de errância, estabelecer lugares. Da aranha interessa não só o tecer incessante, sem finalidade (pois Deligny duvida que a finalidade da teia seja agarrar a mosca), mas a própria teia aracnóide, isto é, a rede.

A rede

Quando Deligny descreve, em seu livro *L'Arachnéen*, sua concepção de rede, extraída das teias das aranhas, ele diz: “Os acasos da existência fizeram com que eu vivesse mais em rede do que de outro modo [...] A rede é um modo de ser [...] A rede me espera em cada esquina [...] Esta já dura 15 anos